

Nada nos faltará

Por Alécio Silveira Nogueira*

O obscurantismo anda sempre à espreita e, na menor oportunidade, mostra suas fauces. Obscurantismo é a postura irracional que conduz ao misticismo doentio, à negação de si em favor de entidades imaginárias, à sacralização idiota de certos signos e símbolos; nesse sentido, seria a transposição, para o plano social e cultural, do que no indivíduo se denomina pulsão de morte, isto é, aquela tendência autodrestutiva que coexistiria, em cada um de nós, com o instinto de preservação. Essa pulsão negativa está na base, por exemplo, da perseguição às bruxas do início da Idade Moderna e da busca delirante que os nazistas fizeram, do Tibete à Bolívia, de objetos místicos - e também dos movimentos religiosos ditos fundamentalistas ou, mais recentemente, dos que levam o politicamente correto à sua expressão extrema e ridícula. Enfim, de todo fanatismo, de toda reação ao livre curso de pensamento, de ideias, de valores culturais; e, o mais importante, de toda censura ao riso.

No modesto ambiente nacional, o deputado Marco Feliciano é um dos representantes máximos dessa "corrente", digamos assim. Na última edição de sua raivosidade cega, nosso Jorge de Burgos tupiniquim investiu contra o programa Porta dos Fundos, mais especificamente contra seu Especial de Natal. Se não viram o episódio, peço que vejam (para os mais antigos, uma performance capaz de ombrear as melhores do grupo britânico Monty Python). Pois o piedoso político se dirigiu aos colegas do Ministério Público de São Paulo, postulando a investigação do grupo de humoristas e uma indenização de um milhão pelo dano moral cometido. E por quê? Porque os roteiristas da diabólica veiculação ousaram fazer piada com Jesus Cristo e demais figuras de seu entourage! E mais, utilizando-se, eventualmente, de... "palavrões"! Ora, como já disse Nelson Rodrigues, há ocasiões em que o palavrão é indispensável (e, se não o disse, poderia ter dito).

Mas não é essa a questão, e o palavrão é o de menos; o que impressiona é que, nesse início de século XXI, ainda se tente impedir o livre curso do humor com ideias sacralizantes. Em parte, entende-se a reação: mais da metade da Revolução Francesa e do pensamento laico adotado pela República recém instalada se deve ao escritos debochados de Voltaire, e um reles parágrafo de Montaigne ou de Swift vale um A Cidade de Deus, de Santo Agostinho, inteiro. Sim, rir é perigoso, pois para rir é preciso entender; e para fazer humor é preciso mais ainda: é necessário despir os conceitos da aura de seriedade que pretensamente possuem, desnudá-los como ao rei da fábula, e expô-los à derrisão pública. Por isso aqueles que extraem seu poder (e, alguns, o polpudo sustento mensal) da exploração de ideias "inquestionáveis", "sagradas", se incomodam tanto e clamam por autos-de-fé contra os pobres humoristas.

O problema, entretanto, não está em que essa parcela obscura da sociedade queira barrar o humor, cercear o riso, emascular a piada; a preocupação maior é que isso possa ocorrer, que se considere com certa naturalidade essa emergência do obscurantismo, e o que parece ser mais um episódio grotesco (e uma piada de mau

gosto) ganhe respaldo judicial. Nunca se sabe; e, por mais que eu confie no bom senso das instituições, do jeito como estão as coisas não se pode duvidar de nada, nem mesmo de um tempo, num futuro não muito distante, em que teremos que nos fechar nos banheiros para rir às escondidas.

Fiquemos alerta: não falta muito para isso; aliás, com Marco Feliciano como nosso pastor, realmente nada nos faltará.